

Gêmeos

Pedro P. Sasse

1.

“...um preto e um branquinho. A moça do jornal disse que era um de cada pai, pode isso? Não entendo mais nada desse mundo, te digo eu, são irmão ou não são irmão? Gêmeo só é pobrema, minha vó muito da sabida dizia que um era fi’o seu outro era fi’o do boto, que fazia igualzinho o outro pra confundir o pai da criança. Tua mulher anda pelo rio, Ézio?”

Chico Bom mais ria do que falava. Aqueles dentes já limados de roer rapadura sacudiam energicamente, vez ou outra banhados pelo branco opaco da cachaça de Seu Tadeu. Ézio observava, não muito longe, um tiziu ciscando o chão. “Bicho preto, parece sempre que tá espiando os outros”. Ézio odiava passarinhos. Gostava das aves grandes, das caçadoras, até das carneiras, mas aquele voador minúsculo lhe tocava os nervos. Era o assobio, nada mais. Aquele cantarolar frouxo, de voz sem a rouquidão severa do animal campestre. Ézio nunca suportara vagabundagem.

“Dá pra sair um de cada, uma cabocla e um caboclinho, ou só sai igual? E se sair um de cada, quem fica parecido com quem? O homem é afeminado ou a mulher fica cabra macho que nem a Tonha Vara de Marmelo? Eu sempre fiz as minha menina uma por uma pra não ter desses pobrema...”

Incomodava ainda mais aqueles que criavam pássaro, gente inútil pra bicho inútil. Davam comida e limpavam os dejetos do folgadíssimo animal. Em troca, aquele piar descompromissado, o cantarolar de viola solta, de gente cigana. Passarinho e violeiro Ézio tratava com pedra. Seu maxilar quadrado e protuberante abriu-se desajeitado quando uma nova dose de cachaça foi bebida.

“Eu preciso decidir o nome das criança, Chico Bom, para de falar tanta merda. Você tá parecendo mulher. Você depois que teve três filha tá dando pra essas mocices. Bebe tua cachaça e me escuta: Vão ser dois meninos, minha madrinha é benzeira e um santo disse pra ela que vão ser dois e vão ser varões. O primeiro a sair vai se chamar William, que era o nome do meu tio, cabra macho, tropeiro de sangue forte, acostumado a todo tipo de pobrema. O que nasce primeiro tem sangue mais forte, precisa de um nome forte também. Ele vai levar a fama da família, que eu não fiz nome nessa cidade pra depois botar filho frouxo no mundo.

Chico Bom olhava com a seriedade típica de quem a nada deu atenção. Sua cara bovinoforme virava na direção da janela, balançando a cabeça num ritmo desleixado. O novo pai de família não se importava, só precisava falar, tirar as ideias da cabeça, que pesavam muito lá. E pra isso Chico Bom era bom. Passava a tarde inteira no Seu Tadeu com os mesmos três dedos de cachaça, o que lhe sobrava de três filhas, esposa e sogra pra sustentar. Chico Bom era queijeiro, passou a vida esperando um varão que levasse o trabalho adiante, pra ter o descanso merecido, mas três filhas e nada. E de mulher grávida. Seu Tadeu era, pra aquele homem de poucos prazeres, uma lavagem de alma. Sentava ali depois do almoço, com sua cachaça, e falava, falava, falava. Quando parava, vinham logo os sussurros da responsabilidade ecoando com a voz uníssona das cinco mulheres. O silêncio enchia seu peito e o homem limitava-se a ouvir o mundo a sua volta, meio perdido na imensidão solitária que é a mente de um sertanejo.

“O segundo vai ser Wilson, que a minha mulher quer o nome do pai dela, é promessa. Em promessa não se mexe, mas ô cabra frouxo que ele era. Era professor de inglês lá em

Serrinha do Bom Jesus das Dores. Vivia de camisa domingueira e cabelo engomado, falando bonito pra cá e pra lá. Quando eu embuquei a filha dele, o cabra veio dar uma de macho, me chamou na casa dele quando não tinha mais ninguém, me ofereceu uísque, bebida de fresco, e disse que se eu não casasse que mandava me matar. Dei-lhe três tapas na cara e empurrei meio metro de facão garganta a baixo. Depois disse pra minha mulher que o pai tinha ido trabalhar no exterior e que ia demorar dez anos pra voltar, botei ela no lombo do cavalo e trouxe pra cá.”

Ambos tomaram um gole da água ardente morna. Ézio sentia o peso da paternidade subindo-lhe a espinha. Até mesmo para aquela cabeça matuta que pouco se dava ao trabalho de maquinar, a ideia de tornar-se pai fazia um dezena de vozes gritarem na sua cabeça.

“Seu Ézio, nasceram!”

2.

“... só avisar, seu Ézio. Eu adoro cuidar de criança, não dá nada não. E é um saco ficar em casa, meu pai passa o dia falando no meu ouvido, prefiro ficar aqui com o sinhô...”

Sentia o cheiro forte de carne crua que Tayane emanava. Não sabia ao certo o porquê, mas aquele odor fazia sua respiração bater mais forte. Olhava despidoradamente para sua cintura curvilínea, para seus lábios frágeis, o seio ainda em formação. Calculava que tivesse dezesseis, embora soubesse que poderia ser menos. Não importava. Desde que o parto levara a mãe dos meninos, a solidão cobrava seu preço de Ézio. O homem nunca fora de trabalhos domésticos e criar dois filhos exigia muito mais do que isso. Via como impossível a tarefa de criar duas crianças e dedicava-se a uma delas apenas. William fora escolhido. Comia fruta, mel e gemada, dormia na cama com o pai e tinha um cavalinho de pau que levava a boca sempre que podia. Wilson, por sua vez, passava o dia num cercado improvisado, bebia leite de cabra e mal ouvia a voz do pai.

“Se quiser eu passo hoje mais tarde, venho com roupa pra dormir aqui, digo pro pai que vou pra casa de minha madrinha em Arraial de Santa Maria, aí eu dou uma olhada nos meninos pro sinhô descansar.”

Bem sabia onde aquilo terminaria. Não fora muito diferente com o velho Wilson. A menina tinha catorze quando engravidou. Ézio não resistia ao toque da inocência, o ímpeto da puberdade, o aroma da juventude. Tayane trabalhava no açougue do pai, um português truculento, demoraria mais de três horas pra sangrar do todo. Daria mais trabalho que o franzino professor de inglês. O choro das crianças o fez voltar a si.

Despediu-se da menina passando a mão lentamente sobre seu rosto suave. O contato daquela mão calejada pelo tempo e pela vida numa textura tão suave era, em si, uma agressão. Uma violência contida, cheia de impulsos, um grito quieto que só deveria irromper horas mais tarde, quando Tayane, a filha de Beto, o açougueiro, criada com curso de inglês, viagem pra capital e tv a cabo, deixaria de sê-lo para tornar-se Tayane, a nova mulher de Ézio, sem inglês, sem capital e sem tv a cabo. Mesmo ele, homem de ação, muito pouco em pensamentos, pegava-se às vezes indagando-se o que levava essas meninas a largar o conforto de casa por aquela pocilga mal-acabada que chamava de lar.

Ao cruzar a cortina puída que separava o estreito quarto do resto da casa, Ézio tremeu por primeira vez em anos. Seu filho de sangue forte, seu William, seu sucessor, havia conseguido entrar no cercado do irmão. Ambos, nus, dormiam placidamente sob o tapete mofado que servia de leito a Wilson. Sempre havia se cuidado para que tal coisa não ocorresse.

Nunca deixara William muito perto do irmão, não porque temia o menino, mas porque temia a similitude geminal. Agora, ali, embalados pelo mesmo sono, no mesmo chão, ambas as criaturas eram um só ser partido em dois corpos. Como saber qual era seu sangue forte? Como distingui-lo do renegado filho segundo? Temia. Precisava de um trago.

Naquela noite Tayane bateu à porta várias vezes, ninguém abriu. Esperou por horas, não poderia voltar para a casa. Seu pai descobriria a farsa. Dormiu na calçada, entre lágrimas e ressentimento.

Nunca mais voltou.

Só vinte anos depois, diante de sua turma de literatura inglesa, se lembraria daquele homem solitário e de seus filhos.

3.

Chico Bom costumava dizer que era coisa de Jesus, que havia dado um jeito de cuidar do pobre Wilson. Chico Bom tornara-se um perfeito frouxo com o tempo. Suas seis mulheres (a gravidez resultou em mais um venusiano desgosto para sua vida) o haviam mudado de tal forma que não mais se podia reconhecer o costumeiro frequentador do Seu Tadeu. Agora era crente, não bebia mais, e pouco era visto fora de casa. Só saía para vender seu queijo e ir a igreja que surgira na cidade há um par de anos. Para Ézio era como uma infecção. Um dia, um tal de Eliseu Profeta chegou na cidade, trazia uma bicicleta com uma caixa de som, uma domingueira e uma bíblia tão grossa que fazia parecer que Deus tinha resposta pra tudo. Ia de porta em porta, entregava um papel dizendo que Jesus amava o mundo e convidava os moradores para visitar sua casa para uma reunião. Isso tudo deixava Ézio muito cabreiro. A primeira vez que o homem bateu no seu quintal, resolveu como resolvia com os violeiros, na pedrada. Eliseu Profeta nunca voltou ao seu portão. Apesar disso a igreja do Sagrado Coração de Cristo cresceu e a cada dia tinha mais devotos. Muitas das meninas que outrora roçavam coxa nos famosos bailes de Miltinho Falcão, agora estavam soterradas por roupas de avó, cobertas dos pés a cabeça, de cabelo preso e olhar baixo. Chico Bom fora a última grande perda, não suportava mais prostrar-se com aquilo que ele havia se tornado.

Desde o dia em que perdera a fronteira entre os dois, passou a criar ambos com a mesma dedicação. Não podia se expor ao perigo de largar William às traças enquanto criava o sangue fraco em seu lugar. Escolheu um dos corpos para ser novamente seu filho pródigo, mas nunca manteve o outro muito longe. Não sabia se por sua criação, pela força do nome ou por acerto de escolha, mas o novo William crescera como era esperado. Rapaz bravo, trabalhador, de natureza indomável. Nada, porém, fisicamente o separava do irmão. A mesma altura, o mesmo peso, as mesmas expressões. Em Wilson brilhava o vigor que nunca deixara Ézio completamente seguro. Aprendera a ler com pouca idade, sozinho. Tayane havia ensinado até um pouco de inglês ao menino e ele chegou a ganhar uma medalha na escola que não tirava por nada no mundo, dizia que lhe dava sorte. Não gostava de sair de casa e só com muito esforço era levado ao trabalho com o pai. Diziam pela cidade que era uma criança espantosamente inteligente, que podia até virar Doutor. “Um frouxo, isso sim” Respondiam Ézio e William, monófonos. De tempos em tempos, um episódio isolado devolvia a dúvida à cabeça do pai. O maior deles não havia muito tempo. William, apanhando no colégio, fora salvo por seu irmão, que mostrara uma força descomunal desmaiando o agressor quebrando-lhe três dentes de um murro. “Isso é coisa de William” se repetia. “E se atrás dessa casca de macheza eu estiver criando um Wilson?” bebia para afugentar os fantasmas.

“Meu pai...” Algum dos dois ofegava diante dele. “Aquele frouxo queria provar que era corajoso também, que podia fazer o que eu fizesse” Falava com a agressividade de um William, com o medo de um Wilson. “Eu... eu bem que falei pra num tentar, mas ele é cabeça dura que só... ele foi tentar ir e caiu! Nem chegou a gritá!” O medo cobriu o peito de Ézio. “Quem é que caiu, moleque?” O menino parecia estranhar a pergunta. “Meu irmão, pai.” A ânsia corroía a paciência de Ézio. Agarrou o menino pelo braço, erguendo o corpo mais de um metro e meio do chão. “Qual de vocês morreu, moleque?” O menino tremia, suava frio, gaguejava. Não entendia a pergunta. “Fala o nome do teu irmão, porra!”. “Wilson...”. Alívio. William terminou a história. Mais cedo havia saído pelo descampado com o irmão e em dado momento acharam um poço seco abandonado. William disse que uma vez pulara de um lado ao outro da borda do poço e Wilson quis tentar fazer o mesmo, resultando na queda. Bateu com a cabeça numa pedra que havia no fundo. Dormia envolvido pelo seu próprio sangue.

Ézio preparava o pirão para seu filho, agora único. Sentia um misto de alívio e tensão. Por um lado estava feliz de ver-se livre daquela dissonância na casa, por outro temia, como sempre, estar criando, desde o incidente, Wilson como William, e que seu bravo menino agora estivesse no fundo de um poço abandonado qualquer. Parecia-lhe muito peito pular um poço assim, “Isso é coisa de William” se repetia. William amolava o facão sentado nos fundos. Chegando à porta, viu seu filho vindo correndo. Chico Bom uma vez dissera que às vezes a gente sente que a vida repetiu a cena, que nem vitrola velha, e que os americanos chamavam isso de dijavu. Ele achava que os americanos eram uns frouxos. Naquele momento, a agulha recuou, e a canção virou eco.

“Pai, não sei o que fazer...” ofegava. “Meu irmão caiu num poço, ele bateu a cabeça, acho que ele tá morto”

O pai perdeu o chão. Naquele exato instante, não conseguia compreender a própria vida. Havia dois Willians ali, dois meninos com o mesmo olhar, o mesmo jeito, a mesma voz. Ambos afirmavam que Wilson morrera no poço. Ambos afirmavam-se William. Odiavam-se.

4.

Dois William consumiram o velho Ézio. Enquanto Chico Bom, que sempre alegava o sofrimento de manter seis mulheres, estava como sempre fora, vinte anos de pai tornaram Ézio um trapo de rugas. Diariamente ambos discutiam, culpavam o pai de não saber a diferença. Contavam momentos que só William passara com ele. Se achava que sua vida era uma angústia após a mistura dos bebês, após a morte de Wilson sua vida tornara-se um verdadeiro inferno. As mulheres corriam daquela casa após poucos dias, desesperadas com a constante troca identitária. Nunca sabiam ao certo com qual dos dois estavam se abrasando, com quem acordavam na cama. Ambos pareciam compartilhar cada segredo pela noite. Qualquer tentativa de separá-los era rechaçada, não queriam ser William Um e William Dois, um par de novos indivíduos, queriam ser William, o verdadeiro, o filho de sangue forte de Ézio. Sofrimento. Enquanto via os filhos dos outros seguindo rumo, seu William, duplicado, ficara preso eternamente aos problemas da partição. Eternamente agarrado àquele pedaço de casa em que só havia espaço para um filho. Eternamente esperando a legitimação.

Ézio padeceu seus últimos anos em luta, tentando separar os dois. Havia se tornado a sombra maligna de uma sombra maligna. Olhá-los lhe causava o mesmo incômodo de colocar um espelho diante do outro. “Dentro do espêio, tem outro espêio, com outro espêio e lá no fundo, tem um abismo. Se olhar muito pra dentro, você consegue ver os olhos do diabo” a velha cabocla sempre lhe dizia. Acreditava, agora, que um deles poderia ser mesmo filho do boto.

Já no crepúsculo de seu tempo, quando o desvario lhe tornou comum e a memória lhe estava pra fugir, tomou a única decisão clara em sua mente.

“William, vem cá!” Jogou o facão no chão da sala. “Eu vou sair pra comprar cachaça. Quando voltar só quero o William vivo. Wilson morre hoje.” Foi para Seu Tadeu.

5.

“A tristeza de todo pai é enterrar o próprio filho.” Se repetia enquanto arrastava o pesado saco pelo sertão. “A tristeza de todo pai é ver o verme roer os osso do próprio filho” O Sol ardia forte no descampado, os passos desgastados eram incertos, trôpegos. Buscava o tal o poço, queria ver com os próprios olhos. Queria arremessar o mal onde o mal surgira. Se Wilson morrera ali, ali deveria ficar seu corpo. Não esperava que acabasse daquela forma, não esperava que tão unos fossem que até na morte sangrassem igual. Recordava com seus cacos de lembrança a cena: o facão ensanguentado, um furo na barriga de cada um, os dois dividindo o mesmo leito vermelho. Viveram William, morreram Wilson. Seriam enterrados, William Wilson, dois homens num só ser. Achara o tal poço. Observou os dois corpos antes de lançá-los. Decompunham-se por igual. Seu filho, duas vezes e nenhuma. Beijou os corpos e jogou-os buraco a baixo.

Diante do túmulo de suas crias, não sabendo se o delírio já o havia tomado de vez, viu três corpos e não dois. Um deles, pequeno, já todo osso, ostentava uma pequena medalha no peito. Morreu Ézio ali, afogado no emaranhado cruel que o destino lhe reservara.